

## HIP-HOP. DAS SEÇÕES POLICIAIS PARA OS CADERNOS CULTURAIS DOS JORNAIS



A grafiteagem de muros é uma das formas de expressão do movimento

O *hip-hop* é tão urbano quanto as grandes construções de concreto e as estações de metrô, e cada dia se torna mais presente nas grandes metrópoles mundiais. No Brasil, é a voz cantada dos presídios, está nos grafites que embelezam ou enfeiam muros e paredes das grandes cidades, nas roupas da juventude, é um movimento que invade as metrópoles brasileiras da periferia para o centro. Para muitos jovens, o *hip-hop* vem fazendo a diferença, mudando jeitos de pensar, dando oportunidades e denunciando a desigualdade social e racial.

“O *hip-hop* nasceu na periferia dos bairros pobres de Nova York. Pode ser considerada uma cultura juvenil urbana”, explica Viviane Melo de Mendonça Magro, psicóloga que estuda o movimento no Brasil,

com ênfase na questão de gênero. “O *hip-hop* é formado por três elementos: a música (*rap*), as artes plásticas (o grafite) e a dança (o *break*). No *hip-hop* os jovens usam as expressões artísticas como uma forma de luta e resistência política”, diz a pesquisadora.

Micael Herschmann, autor do livro *O funk e o hip-hop invadem a cena* e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), conta que o *hip-hop* “nacional” chegou no Brasil há pouco mais de vinte anos, mobilizando inicialmente a juventude negra e trabalhadora da cidade de São Paulo. “Um de seus introdutores foi o *rapper* Nelson que, ainda nos anos 1980, trouxe o ritmo para a praça da Sé, na capital paulista. O programa de rádio mais antigo foi *Rap Brasil*, dirigido pelo

Dr. Rap, veiculado na rádio Metropolitana FM”, diz Herschmann.

Enraizado nas camadas populares urbanas, o *hip-hop* afirmou-se no Brasil e no mundo com um discurso político a favor dos excluídos, sobretudo dos negros. Não é por acaso que o famoso *rapper* Mano Brown teve uma recepção tão calorosa na Febem do Brás, em São Paulo, em um show realizado em 2003. Os jovens detentos sabiam de cor as letras das músicas, que falavam da realidade dos moradores das periferias. “As histórias do *rap* são fictícias ou reais, mas tratam de pessoas que vivem na periferia” conta Viviane.

**HIP-HOP BRASILEIRO É ÚNICO** Apesar de ser um movimento originário das periferias norte-americanas, o *hip-hop* não encontrou barreiras no Brasil, onde se instalou com certa naturalidade. “A apropriação de elementos que não estão necessariamente legitimados na cultura brasileira deu-se de forma mais natural e tranqüila porque estamos em um mundo globalizado”, considera Herschmann. O que, no entanto, não significa que o *hip-hop* brasileiro não tenha influências locais. O movimento no Brasil é híbrido, com traços evidentes da cultura nacional: no *hip-hop* brasileiro tem *rap* com um pouco de samba, *break* parecido com capoeira e grafites de cores muito vivas.

Mas as diferenças estão além do visível. Na opinião dos militantes brasileiros, o *hip-hop* nacional é mais crítico e politizado que o norte-americano. “O *hip-hop* brasileiro é muito melhor do que o americano, que foi banalizado. Muitos representantes do *hip-hop* lá fora se venderam

## MÚSICA PARA A CIDADANIA

Em um dos bairros mais valorizados da capital paulista, o Morumbi, fica instalado o prédio da Associação Meninos do Morumbi. Fundada em 1996, atualmente reúne mais de 4 mil crianças e adolescentes de comunidades carentes com o objetivo de promover sua integração social por meio da arte (dança, percussão e canto) e da prática de esportes. A principal atividade da associação é a banda Meninos do Morumbi, que já gravou um CD e se apresentou, inclusive, na França e na Inglaterra. Os ensaios são coordenados pelo músico e maestro Flávio Pimenta, presidente e fundador da associação. Para integrar a banda é preciso participar de uma das atividades artísticas do grupo, além de ser obrigatório estar estudando. “Todos participam, e isso é o que cria identidade dos Meninos do Morumbi”, afirma. Para psicóloga Lígia Pimenta, coordenadora de projetos da associação, as atividades desenvolvidas ajudam as crianças a melhorarem sua auto-estima e ampliar a rede social. “Aqui essas crianças desenvolvem valores e se tornam menos vulneráveis a situações de risco”, afirma. Desde 2001, o Núcleo da Família e Comunidade da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, da qual Ligia faz parte, atende o grupo por meio de terapias familiares, envolvendo os pais e as crianças e adolescentes. Mais informações sobre a Associação Meninos do Morumbi estão no site [www.meninosdomorumbi.org.br](http://www.meninosdomorumbi.org.br).

Sabine Righetti



João Paulo Almeida

para o sistema. No Brasil o *hip-hop* é mais consciente, quer ver o povo melhorar e prega a informação” declara Cibele Cristiane Rodrigues, militante do movimento.

Apesar do *hip-hop* ser um espaço que permite aos jovens das periferias se inserirem na sociedade de forma politizada e crítica, a imagem dos jovens ligados ao movimento nem sempre foi positiva. “Os meios de comunicação construíram imagens e representações de uma forma muito negativa, do delinquente juvenil, como se eles fossem uma espécie de inimigo número um das cidades”, afirma Herschmann, que iniciou suas pesquisas sobre o *hip-hop* e o *funk* quando começaram os arrastões no Rio de Janeiro, em 1992.

**A MARCA DOS ARRASTÕES** Segundo Herschmann, a abordagem dramática e caótica da mídia sobre os arrastões naquele ano, na praia de Ipanema, influenciou negativamente a imagem dos jovens que viviam nas periferias da cidade, e os jovens pertencentes ao *hip-hop* não ficaram imunes.

Ele diz que as representações e os sentidos atribuídos ao “arrastão” em 1992 – associados a imagens violentas e conflitos entre jovens e policiais – despertaram na sociedade certa curiosidade sobre os jovens das periferias brasileiras. Pouco se sabia sobre eles e alguns estudos começaram a ser realizados sobre o assunto.

O pesquisador considera os arrastões de 1992/93 um “divisor de

águas” para o *hip-hop*. “A partir daquele momento, com a intensa veiculação na mídia, o *hip-hop* e o *funk* adquirem uma nova dimensão, colocando em discussão o ‘lugar do pobre’ no debate político e intelectual do país”. Em sua pesquisa, ele observou que, enquanto o *funk* ia se afirmando na cultura urbana carioca ao longo dos anos 1980, o *hip-hop* se instalava na noite paulistana. Segundo Herschmann, o *hip-hop* aparenta ser um movimento mais politizado que o *funk*, porém, “o fato de produzir uma música alegre, romântica e bem-humorada não implica em uma postura apolítica do *funk*”.

Atualmente, o *hip-hop* é uma expressão popular muito mais evidente que o *funk*, e já cruzou as fronteiras de todos estados. Para a psicóloga Viviane, sejam brancos ou negros, muitos jovens brasileiros têm encontrado no movimento uma esperança. “O *hip-hop* tem um lado político forte, de conscientização. Eles se organizam cada vez mais para que possam criar alternativas para os jovens da periferia não caírem na criminalidade, nas drogas”, conclui.

Juliana Schober